

CAPÍTULO 5

MECANISMOS DE DIFERENCIAÇÃO NA
SEGUNDA IDADE DO FERRO

CARLA MARIA BRAZ MARTINS*

1. INTRODUÇÃO

O Noroeste Peninsular tem características geográficas muito peculiares, desempenhando o relevo extrema importância, por vezes tornando-se um limite ou fronteira. O relevo é essencialmente montanhoso, mas apresenta profundos vales desenhados por quatro rios principais: Cávado, Rabagão, Beça e Tâmega. As serras existentes, de certo modo, delimitam o território em causa; a Norte a serra do Larouco, a Noroeste a serra do Gerês, a Sul a serra do Barroso e a Sudeste a serra da Padrela.

Deste modo, os acidentes geomorfológicos acabam por condicionar a forma de povoamento que se estrutura em *castella* (Alarcão 1992, p. 44), ou seja, povoados em altura, mais comumente designados por castros; o *castellum* acaba por ser um tipo de organização supra familiar, dentro de um grupo ou etnia, *populus*, mas com uma certa autonomia em relação a este (Silva 1981-82, p. 85-86).

A justificação das alterações na paisagem ocorridas neste período têm como motor o clima de instabilidade latente, decorrente da campanha de *Decimus Junius Brutus* (138-136 a.C.), que terá conduzido a um reagrupamento da população em torno de lugares centrais, como é o caso de Outeiro Lezenho (Boticas), relacionado ainda com o aparecimento de estátuas de guerreiros (Mapa 4). Os factores político-militares estarão na base de uma nova reorganização do território; no entanto, o aparecimento de novos castros poderá ser também relacionado com a exploração de recursos económicos, nomeadamente a agro-pastorícia e mineração (Silva 1995, p. 519).

No séc. I a.C. o povoamento encontra-se distribuído com uma certa regularidade, normalmente em áreas com mais de 750 m de altitude (Silva 2007a). Os locais estratégicos são predominantes para um controlo visual de um vasto território e/ou acesso fluvial, como é o caso da região de Chaves em relação ao Tâmega. A sua situação geográfica é por vezes, por si só, uma defesa natural, associando-se a outros complexos defensivos: linhas de muralhas, torreões, fossos, taludes e campos de pedras fincadas; este último sistema será uma solução própria de povos com abundância de pedra (Berrocal-Rangel e Moret 2007, p. 15). Estas soluções defensivas implicavam uma considerável mão-de-obra, que só poderá ser entendida como resultado de uma interacção entre povoados (Martins 1996, p. 128).

De salientar que grande parte dos castros apresenta frequentemente uma encosta suave em direcção a uma linha de água. Tal facto deve-se à necessidade da mesma para consumo, mas também poderá estar relacionado com a exploração mineira. O sistema de produção será sempre selectivo, para provimento de necessidades pontuais, jóias e artefactos, articulado com um processo de trocas locais, regionais e inter-regionais. As jóias que aparecem neste contexto denotam muitas influências continentais, principalmente na forma e decoração, embora existam também influências mediterrânicas, nomeadamente ao nível da técnica: solda, filigrana e granulado.

Perante um mosaico etnográfico em constante movimento e conseqüente necessidade de delimitar o espaço, amuralhando-o, verifica-se um fenómeno de crescente complexi-

dade social, inerente a uma hierarquização e individualização de chefes políticos e/ou guerreiros (*principes*), havendo uma tomada de consciência do que é a própria sociedade e o local onde está estabelecida, a tal ponto que urge fazer representar-se diante de outrem com o objectivo de distinção (Martins 1996, p. 10).

As estátuas de guerreiros serão um meio de afirmação, colocadas na paisagem em locais estratégicos visíveis à distância (Vilaça 1992, p. 81).

As jóias, como bem de luxo, prestigiam as elites que as adquirem, constituindo parte integrante dos mecanismos de dom e troca, sendo a sua presença mais representativa no Norte de Portugal, podendo estar relacionada com as estátuas de guerreiros, designadamente com a associação de *torques* e *viriae*. Porém, a partir de 100 a.C. o número de peças em ouro decresce substancialmente. O uso de ligas ricas em prata e cobre, estruturas ocas e estruturas internas em metal que não o ouro (caso dos *torques* de Póvoa de Lanhoso), poderão ser soluções para a escassez ou diminuição de produção aurífera. Tal facto poderá estar articulado com a necessidade de racionar a matéria-prima (Martins 1996, p. 114).

2. MECANISMOS DE DIFERENCIAÇÃO

Cerca de 500 a.C. a Península Ibérica vive um período de instabilidade política e social, consequência de factores políticos como seja a batalha de Alália (535 a.C.) aliada a deslocamentos de povos no Sul da Península.

Tal facto poderá ter contribuído para um reforço dos sistemas defensivos, que se reflecte ao nível da construção de muralhas e possivelmente na introdução dos campos de pedras fincadas, influência da arquitectura militar da meseta (Silva 1981-82, p. 50).

Estes elementos, que funcionam como marcadores visíveis na paisagem, acabam por ser o primeiro elemento de coesão dentro de um grupo e de distinção em relação a outros (Perea Caveda 2003, p. 147).

O controlo dos recursos económicos que asseguram a independência e auto-suficiência de um povoado aumenta a partir de meados do séc. II a.C., valorizando-se a terra como um bem fundamental (Martins *et alii* 2005, p. 283). Neste contexto, aumenta a complexidade social e consequentemente a diferenciação de estatutos entre as diferentes comunidades (Martins *et alii* 2005, p. 284).

Esta tendência para a hierarquização poderá ser um indicador da existência de conflitos latentes, por um lado devido a ameaças externas – avanço romano, por outro lado devido a tensões dentro de cada povoado, que poderiam provocar a dissidência de grupos para constituírem outros povoados, o que fomenta a mobilidade mas conduz a uma competição pela posse de terra (Lemos e Cruz 2008, p. 8-9). Os conflitos pressupõem a existência de armamento; no entanto, para a área em estudo, Trás-os-Montes Ocidental, os

seus vestígios são praticamente inexistentes devido aos poucos dados arqueológicos, salientando-se a falcata encontrada na vertente Sul do Castro de Frades em Montalegre (Fig. 1) com uma amplitude cronológica do séc. V a.C. ao séc. I a.C. (Carvalho 2009, p. 18). As armas poderão ter vários significados consoante as suas funcionalidades, nomeadamente de objecto de culto, instrumento cerimonial, tesouro ou relíquia, podendo surgir em situações de conflito bélico ou em santuários, eventualmente utilizados para armazenamento (Gabaldón Martínez 2004).



Fig. 1: Falcata do Castro de Frades, Montalegre (depósito: Câmara Municipal de Montalegre).

Assim, aparecem novos povoados, povoados satélites, com reduzidas dimensões e que normalmente apresentam uma linha de muralhas e um torreão (Lemos e Cruz 2008, p. 13), e que se encontram dependentes hierarquicamente dos lugares centrais. O investimento no sistema defensivo destes povoados é notório, o que denota a necessidade de afirmação e individualização de uma comunidade perante outrem, e que resulta na criação de um espaço-refúgio (Lemos e Cruz 2008, p. 14) articulado com a intensificação dos recursos económicos, que poderá tender para uma possível especialização, como por exemplo em relação à agro-pastorícia e exploração mineira. Os recursos económicos necessários à auto-suficiência do povoado deverão encontrar-se a uma distância de 5 km do mesmo, o que corresponderá a um percurso pedestre de cerca de 1 hora (Martins 1990, p. 211).

As estátuas de guerreiros, pelo seu tamanho são marcos bem visíveis na paisagem estando correlacionadas com a implantação dos povoados e monumentalização dos seus sistemas defensivos; tal facto traduz-se na estátua de guerreiro que apareceu *in situ* numa das linhas de muralhas da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) e na da Citânia de S. Julião, junto à 2.^a linha de muralhas (Lemos e Cruz 2008, p. 16). Em Boticas, apareceram quatro estátuas de guerreiros associadas ao Castro de Lesenho (Fig. 2).



Fig. 2: Duas das estátuas de guerreiros do Castro de Lesenho, Boticas (depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa).

Numa tradição que já vem desde a Idade do Bronze (Almagro-Gorbea 2009, p. 11), estas estátuas aparecem num contexto cronológico a partir do séc. II a.C. num período em que já se fazia sentir o processo intercultural com o mundo romano, podendo constituir uma reacção directa à pressão do controlo deste último (Sastre Prats 2008, p. 1027). Este tipo de representação artística ainda hoje não apresenta consenso quanto à sua interpretação simbólica; é certo estar relacionada com a hierarquização vigente e o aparecimento de elites, guerreiras e/ou religiosas, assumindo um carácter de prestígio e honorífico, no entanto, para além da representação simbólica que poderá conter, passando por uma dimensão mágica, mítica e de protecção, poderá também assumir uma concepção de retrato (Silva 2007a, p. 405) relacionado com personalidades vivas (Redentor 2009).

Um segundo elemento de coesão e distinção entre grupos é a ourivesaria, destacando-se os *torques*.

A ourivesaria é uma manifestação artística que confere certos atributos a peças criadas em metais preciosos, principalmente o ouro. Como tal, é «reflexo de um estilo, de uma cultura, de um povo» (Cardozo 1967, p. 4). No entanto, não deixa de ser produto de uma

cultura material que assimilou ao longo dos tempos, por vezes com um cunho muito próprio, influências de outras culturas e povos.

Pode ser usada como adorno pessoal do corpo, permitindo satisfazer as necessidades da vaidade humana, pode ser um elemento de diferenciação de uma raça, tribo, casta, cultura ou categoria social, pode ainda reflectir o desejo individual de distinguir uma determinada qualidade ou actividade, como seja a destreza, a valentia, a vitória, o ser-se guerreiro. A simbologia das jóias pode ir muito mais longe, podendo estar conectada com valores apotropaicos (Martins 2008, p. 21).

A matéria-prima de eleição para a elaboração de adornos foi desde muito cedo o ouro, minério abundante no Norte de Portugal, e no caso de Trás-os-Montes Ocidental, nos concelhos de Boticas e Chaves. As jóias são um bem de luxo que prestigia as elites que as adquirem através dos mecanismos de dom e troca.

As peças que aqui se irão abordar, inserem-se no âmbito cronológico da Segunda Idade do Ferro em Trás-os-Montes Ocidental, compreendendo o tesouro de Lebução, em Valpaços, constituído por dois *torques*, dois terminais de *torques*, e um bracelete; o *torques* de Rendufe, Carrazedo de Montenegro, Valpaços; o tesouro de Paradela de Rio, Montalegre, constituído por três *torques*; um fragmento de *torques* proveniente de Tourém, Montalegre; um *torques* de Codeçais, St.º Estêvão de Faiões, Chaves; três *torques* provenientes da região de Chaves (Mapa 4).

De salientar que na lista supramencionada sobressaem em número os *torques*. Segundo A. Perea Caveda (2003, p. 140) os torques poderão representar uma normalização ritual, que se consubstancia numa dimensão ideológica, em aspectos de identidade e pertença/exclusão intra e intergrupais; ou seja, o perfil da peça com variações de terminais, poderá ser um elemento de identificação de um grupo em relação ao exterior, visto que a sua superfície, lisa/decorada/com elementos plásticos, poderá ser indicadora da diferenciação ou exclusão no seio do próprio grupo, assim como a estrutura da peça, em relação ao tamanho e peso, poderá indiciar o valor da mesma (Perea Caveda 2003, p. 141).

3. A OURIVESARIA

A falta de dados arqueológicos para a Segunda Idade do Ferro em relação aos povoados em Trás-os-Montes Ocidental e os achados isolados de ourivesaria tornam difícil uma correlação entre ambos; também a raridade de peças em ouro se poderá dever a que facilmente se deterioraram e como tal poderão ter sido fundidas de novo, desaparecendo como jóias e consubstanciando-se noutro tipo de artefactos (Stead 2003, p. 45). Assim sendo, o achado de uma jóia levanta problemas de interpretação, visto ser normalmente ocasional e desprovido de um enquadramento cultural, facto que poderá justificar a inexistência de jóias a partir do séc. II a.C. na área em estudo.

Se o contexto é funerário, quer por incineração, como no caso das arrecadas de Britteiros associadas a um vaso acampanado (séc. II a.C.-I d.C.), quer por inumação, então não haverá dúvidas que as jóias aí encontradas tinham por objectivo acompanhar o defunto na sua longa viagem após a morte, não havendo qualquer tipo de intenção de as recuperar mais tarde. Se se partir do pressuposto de um possível ocultamento da jóia sem relação com a morte de uma pessoa, poder-se-á pensar em motivos que terão levado a tal facto nomeadamente económicos (guardar o que de mais precioso se tem), sociais (perda de poder de um chefe ou guerreiro e consequente ocultamento das jóias até que um dia as possa usar de novo) e políticos (guerras, destruições ou invasões e o não querer que certas peças caíam em mãos de estranhos/invasores) (Martins 2008, p. 30). O ocultamento poderá ter sido precipitado com o desenrolar dos acontecimentos, ou pode ter sido previsto e calmamente calculado e realizado. A intenção inerente a este processo seria a posterior recuperação das peças, facto que poderá nunca ter-se dado, ou pelo contrário, as peças poderão ter sido recuperadas, usadas e novamente ocultadas.

No entanto, e apesar de uma aparente estrutura social igualitária, com um gradual afrouxamento nos mecanismos de troca e desaparecimento de chefes no período anterior ao séc. II a.C. (Alarcão 1992), é certo que existindo jóias em ouro terá de haver mineração e metalurgia, que a uma escala maior ou menor estarão relacionadas com trocas comerciais, locais e inter-regionais. A exploração mineira poderá ser um acelerador económico em certas regiões, como o caso de Chaves, Boticas e Montalegre.

Pela enumeração das jóias referidas, pode-se verificar que os diversos tipos são quase exclusivamente *torques* e apenas um bracelete.

Os *torques* são tidos normalmente como uso masculino, e a sua designação significa torcer/torção, indicando que estas peças seriam constituídas por aros abertos torcidos (Castro Pérez 1990, p. 12; Delibes de Castro 2001, p. 151), como é o caso de um dos exemplares proveniente de Paradela de Rio, Montalegre. No entanto, o termo acabou por se generalizar, abarcando todas as peças rígidas, de aro torcido ou não, e abertas (Castro Pérez 1987, p. 58-59).

Frequentemente, nas fontes clássicas a designação deste tipo de adorno de colo encontra-se alusiva aos “Celtas”, sendo o seu termo proveniente de um episódio que relata que um romano, *T. Manlius*, arrebatando um colar de um guerreiro celta, tomou o cognome de *Torquatus*; também Políbio descreve que na Batalha de Telemon todos os guerreiros de altas patentes usavam colares e braceletes de ouro (Stead 2003, p. 44). Este tipo de correlação é assaz problemática, e não querendo entrar na discussão da existência ou não de um grupo étnico com uma cultura própria, que se considere um grupo coeso (Megaw e Megaw 2001, p. 9), salienta-se que normalmente quando se faz alguma referência à cultura Celta se está a referir à Civilização de La Tène, que marcou a Segunda Idade do Ferro na Europa, desde meados do séc. V a.C. até à conquista romana, e em cujos enterramentos é frequente a exumação de *torques* e braceletes (Powell 1974, p. 73).

Assim sendo, será talvez mais prudente a menção a um estilo artístico de La Tène, em que curiosamente os *torques* exumados se encontravam em túmulos femininos, o que denuncia a importância da mulher nessas sociedades (Castro Pérez 1990), sendo raros os exemplares em túmulos de guerreiros (Powell 1974, p. 74). Realidade bem diferente, da do Norte de Portugal, já que estas peças estão associadas a uma elite militar, em que os ritos e a organização social reforçam o seu poder no seio da sociedade. O mesmo sucede com os braceletes, elemento de prestígio e distinção dos guerreiros de alta patente.

Quando se menciona *torques* e mesmo bracelete (*viria*) associa-se conseqüentemente às estátuas de guerreiros, que ostentam estas jóias no colo e braços, como sejam os provenientes do castro de Outeiro Lesenho (Fig. 3). No entanto, é preciso ter em consideração que esta estatuária, que também apresenta motivos de inspiração centro-europeia, tem uma datação posterior às jóias em causa, nomeadamente a partir de finais do séc. II/I a.C. em consonância com o desenvolvimento de povoados centrais (González Ruibal 2004, p. 117-118), como o acima mencionado.

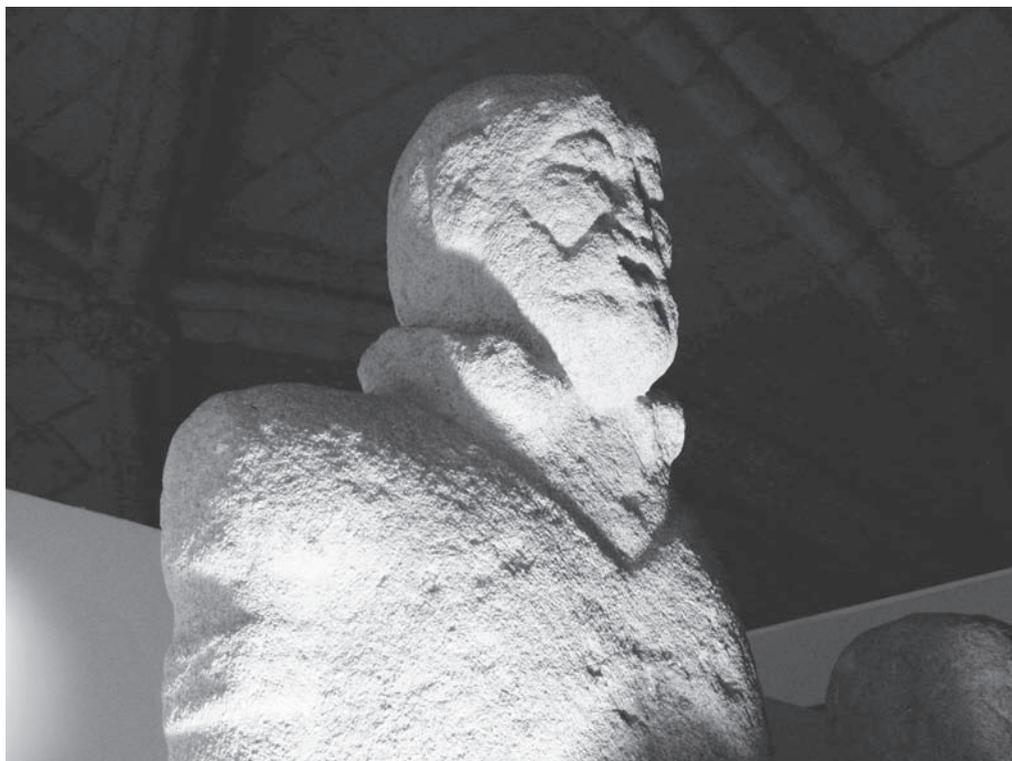


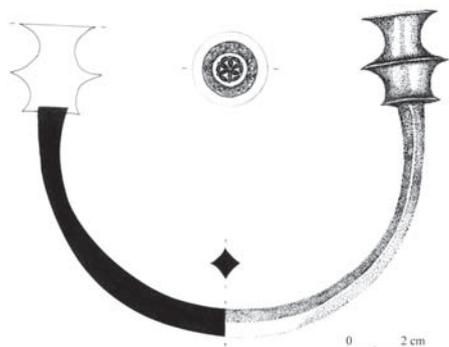
Fig. 3: Pormenor do *torques* e *viria* numa das estátuas de guerreiro do Castro de Lesenho, Boticas (depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa).

Em termos de utilização, os *torques* e *viriae* conduzem a um problema que é as suas dimensões, algumas das quais são inferiores às necessárias para o seu uso. Estas peças apesar de serem em ouro, material que tem uma certa maleabilidade em comparação com outros metais, como o bronze, não permitiriam a sua colocação sistemática no pescoço ou pulso. Os *torques* em estudo têm diâmetros interiores máximos que permitem a sua colocação em colo humano, nomeadamente masculino, o problema está na sua abertura, ou seja, a distância entre os terminais; para que o *torques* entrasse de lado seria necessária uma abertura que rondasse os 70/80 mm, e por exemplo os provenientes de St.º Estêvão de Faiões e Paradela de Rio têm aberturas de cerca de 44 mm e 52 mm, o que sugere uma colocação forçada. Tal facto poderá justificar a deterioração de algumas peças, como o que sucede com um dos *torques* de Lebução, Valpaços.

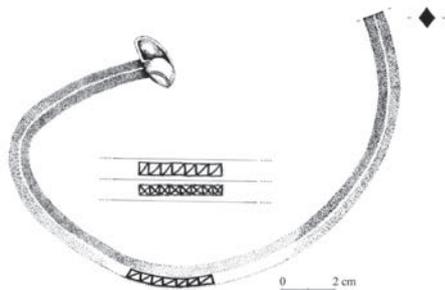
Até ao momento as jóias sempre foram referenciadas como adorno corporal, um bem de prestígio, no entanto, é preciso também referir uma outra dimensão em que a ourivesaria poderá ser considerada como um bem comunitário, ou seja, um investimento coletivo (Sastre Prats 2008). Neste caso, o *torques* poderá funcionar como um investimento, uma garantia económica, não para uso ou ostentação, mas para ocultamento resultante de transacções políticas entre grupos (Perea Caveda 2003, p. 148).

4. ANÁLISE DAS TÉCNICAS DE FABRICO E DA DECORAÇÃO NAS JÓIAS INVENTARIADAS

1. Tesouro de Lebução, Valpaços (depósito: Museu da Sociedade Martins Sarmento).
 - 1.1. *Torques*, cujos topos dos terminais em dupla escócia comportam rosetas hexagonais rodeadas por círculos entrecruzados estampados, tudo inscrito em linhas pontilhadas (Fig. 4).
 - 1.2. *Torques* fragmentado, com aro que apresenta decoração estampada, formando motivos quadrangulares (Fig. 5).
 - 1.3. Dois terminais ocios, em forma de urna, um carenado e o outro com perfil em S, com uma esfera nos seus topos e uma pequena areia ou esfera no seu interior. A base dos terminais encontra-se decorada em gomos (Fig. 6).
 - 1.4. Bracelete profusamente decorado em cinco bandas horizontais. A decoração através da estampagem, punção e picotagem, é geométrica e estilizada, apresentando motivos concêntricos, nomeadamente círculos, reticulados, denticulados, triângulos, quadrifólios, sexfólios, motivos em SS, linhas quebradas formando quatro gregas.



4



5

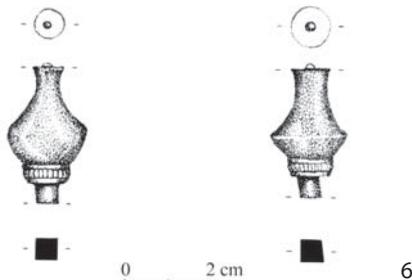


Fig. 4: *Torques* proveniente de Lebução, Valpaços (1.1).

Fig. 5: *Torques* proveniente de Lebução, Valpaços (1.2).

Fig. 6: Terminais de *torques* provenientes de Lebução, Valpaços (1.3).

2. *Torques* de Rendufe, Carrazedo de Montenegro (depósito: Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, n.º inv. 6901). Aro aberto com decoração simétrica de motivos triangulares e circulares, no meio dos quais surgem SS encadeados feitos a matriz. Os topos dos terminais em dupla escócia apresentam motivos constituídos por seis pétalas, feitas a estampagem, semicírculos feitos a matriz e pequenas esférulas.

3. Tesouro de Paradela de Rio, Montalegre (depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, n.º de inv. AU 566, AU 568, AU 569).

3.1. O aro aberto deste *torques* apresenta decoração estampada, duplos traços formando motivos fitomórficos, e círculos concêntricos, com terminais em dupla escócia cujos topos comportam rosetas (heptagonal e hexagonal) inscritas em círculos a pontilhado e com uma esfera central (Fig. 7).

- 3.2. Aro aberto com terminais em dupla escócia, cujos topos têm uma esfera central (Fig. 8).
- 3.3. Aro aberto, cuja parte central e extremidades estão decoradas com estampagem de círculos e formando motivos triangulares; as partes intermédias do *torques* são torcidas. Os terminais são piriformes (Fig. 9).

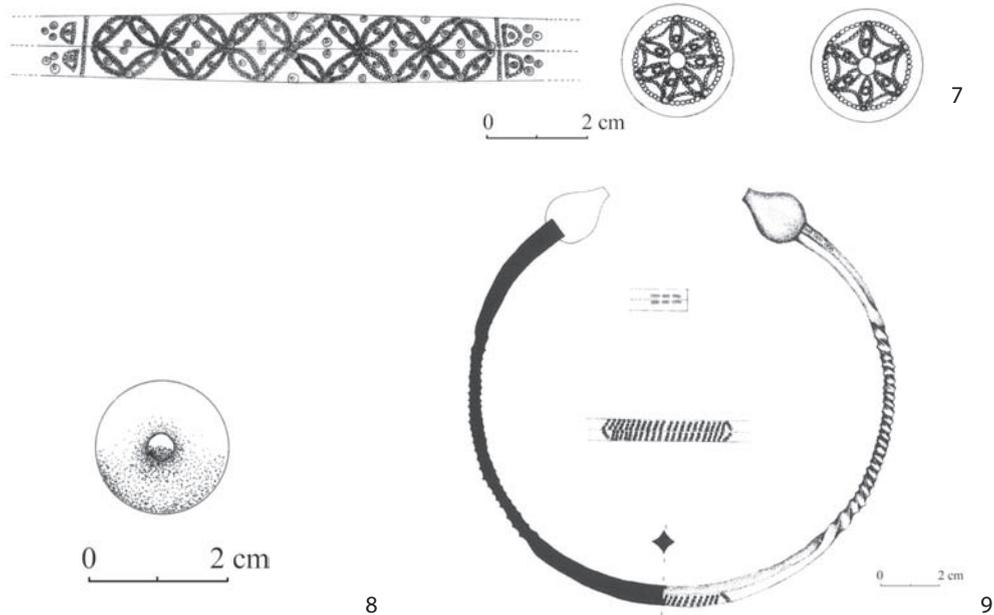


Fig. 7: Decoração existente no *torques* proveniente de Paradela de Rio, Montalegre (3.1).

Fig. 8: Topo de um dos terminais de *torques* proveniente de Paradela de Rio, Montalegre (3.2).

Fig. 9: *Torques* proveniente de Paradela de Rio, Montalegre (3.3).

4. Fragmento de *torques* em urna proveniente de Tourém, Montalegre (depósito: Museu nacional de Arqueologia, Lisboa, n.º de inv. AU 1141). Trata-se de um terminal de *torques* em forma de urna, cuja base apresenta cordões circulares e o topo um tríscolo de fio aplicado

5. *Torques* de Codeçais, St.º Estêvão de Faiões, Chaves (depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, n.º de inv. AU 1139). Aro aberto com terminais em dupla escócia, cujos topos comportam rosetas hexagonais inscritas em círculos a pontilhado, com esferas nos seus vértices e uma esfera nos seus centros.

6. *Torques* proveniente da região de Chaves (depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, n.º de inv. AU 1140). Aro aberto com terminais em dupla escócia, cujos topos apresentam uma decoração radial com um pentáscelo de SS encadeados, sobre um fundo exterior preenchido por estampagem com uma matriz pontilhada; no centro encontra-se gravado um hexáscelo.

7. Dois *torques* provenientes da região flaviense (depósito: Museu Britânico, Londres).

7.1. Aro aberto com terminais em dupla escócia cujos topos comportam rosetas hexagonais, com esferas nos seus vértices e uma esfera nos seus centros.

7.2. Aro aberto, com terminais em dupla escócia, cujos topos em campânula (com pequeno apêndice cilíndrico) estão decorados com gomos e arames lisos; as bases dos terminais apresentam uma corda em relevo.

O conjunto de peças acima descrito apresenta tecnologias de fabrico e decorações que são o produto de uma assimilação de vários tipos de influências, com diversas origens.

Os aros dos *torques* apresentados, assim como o bracelete de Lebução terão sido obtidos através do método de cera perdida, muito utilizado no Egipto durante o Império Novo (Hackens e Winkes 1983, p. 181), que permite criar peças maciças ou ocas, se o molde em cera fosse trabalhado sobre um núcleo de barro. Este processo largamente utilizado no centro da Europa, especialmente durante o período estilístico de La Tène (Stead 2003, p. 12), conduz a uma grande fragmentação dos moldes usados, pelo que se torna difícil o seu achado em intervenções arqueológicas. Este método também permitiria a produção dos terminais dos *torques*, com uma variação, nomeadamente o uso de um torno de eixo horizontal, já que as peças necessitam de um sistema rotativo para a sua execução. Em relação aos topos poderiam ser utilizados moldes univalves, para os quais se verteria directamente o ouro fundido, como por exemplo o que foi encontrado em Póvoa de Montemuro, Castro Daire, Viseu.

Uma vez obtidas as peças, em separado, é necessário soldá-las; a solda é necessária para unir os aros dos torques aos terminais, os topos destes, as esferas, e tendo um cunho marcadamente oriental, surgiu na segunda metade do IV.º milénio a.C., sendo já utilizada no Egipto no III.º milénio a.C. (Nicolini 1990, p. 165). Também a filigrana e o granulado, simultaneamente técnicas e decorações, encontram-se nos torques estudados; a filigrana, entendendo-se finos fios de ouro enrolados e entrançados, tem as suas origens nos inícios do III.º milénio a.C. no Egipto (Nicolini 1990, p. 99); o granulado, pequenas esferas maciças soldadas às peças, especialmente aos topos dos terminais, aparece na Suméria em 2600 a.C. (Nicolini 1990, p. 130). O repuxado e a estampagem utilizando matrizes e cunhos, bem patentes na decoração das peças, foram duas técnicas amplamente utilizadas pelo estilo artístico de La Tène (Stead 2003, p. 9), datando a segunda do II.º milénio a.C. no Oriente (Nicolini 1990, p. 92).

Em complemento das técnicas enumeradas pode-se também recorrer à incisão e à punção; a primeira maneando buris e cinzéis, a segunda, matrizes (Tabela 1).

Tabela 1: Técnicas utilizadas nas peças inventariadas.

	Solda	Filigrana	Granulado	Repuxado	Estampagem	Incisão	Punção
1.1	X				X		X
1.2	X				X	X	
1.3	X		X	X			
1.4					X	X	X
2	X		X		X		X
3.1	X		X		X		X
3.2	X		X				
3.3	X				X	X	
4		X					
5	X		X		X		X
6	X				X		
7.1	X		X		X		
7.2	X	X					

No que diz respeito à decoração, esta encontra-se essencialmente nos topos dos terminais dos torques, por vezes nos seus aros, e muito exuberantemente no bracelete de Lebução.

Tabela 2: Elementos decorativos geometrizarantes presentes nas jóias.

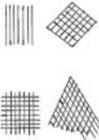
Motivos		Paralelos		Peças portuguesas
		Proveniência	Cronologia	
Geométricos (linhas paralelas, reticulados, losangos, esquemas triangulares)		Oriente	V.º milénio a.C.	– bracelete de Lebução (1.4) – torques de Rendufe (2) – terminais do torques de Chaves (7.2)
Círculos (simples ou duplos)		Oriente (Anatólia)	2.ª metade do III.º milénio a.C.	– torques de Lebução (1.2) – bracelete de Lebução (1.4) – torques de Rendufe (2) – torques de Paradela do Rio (3.1) – torques de Paradela do Rio (3.3) – terminais do torques de Chaves (7.1)
Motivos em S		Ur	2065-1955 a.C.	– bracelete de Lebução (1.4) – torques de Rendufe (2)

Tabela 2: Elementos decorativos geometrizarantes presentes nas jóias (*continuação*).

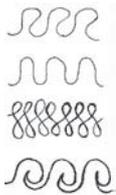
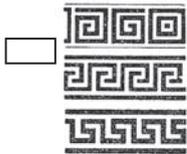
Motivos	Paralelos		Peças portuguesas	
	Proveniência	Cronologia		
Meandros e motivos ondulares		Ur	2500-2350 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> – arrecadas de Briteiros – terminais de torques da região de Chaves (6)
Tríscelos, tetráscelos, pentáscelos, hexáscelos,		Mesopotâmia	V.º milénio a.C.	<ul style="list-style-type: none"> – terminal de torques de Tourém (4) – terminais do torques da região de Chaves (6)
Motivos rectangulares, linhas quebradas formando gregas		Mundo Ático	Séc. VI a.C.	<ul style="list-style-type: none"> – bracelete de Lebução (1.4)

Tabela 3: Outros elementos decorativos presentes nas jóias.

Motivos	Paralelos		Peças portuguesas	
	Proveniência	Cronologia		
Entrançado (e fios torcidos)		Suméria	princípios do II.º milénio a.C.	<ul style="list-style-type: none"> – terminal de torques de Rendufe (2)
Petálas e Rosetas (com n.º de pétalas variável, segmentadas, esmaltadas ou com pedras)		Suméria	V.º milénio a.C.	<ul style="list-style-type: none"> – Terminais do <i>torques</i> de Lebução (1.1) – bracelete de Lebução (1.4) – terminais do torques de Rendufe (2) – terminais do <i>torques</i> de Paradela de Rio (3.1) – terminais do torques de Codeçais (5) – terminais do <i>torques</i> de Chaves (7.1)
Flor de Lótus		Egipto	2494-2345 a.C.	<ul style="list-style-type: none"> – terminais do <i>torques</i> de Chaves (7.2)

Os motivos geometrizarantes (Tabela 2), bem ao gosto do estilo Hallstático e posteriormente do de La Tène, e que de certa forma os identifica, têm influências do mundo mediterrâneo e oriental; não foram elementos meramente copiados, tendo sofrido uma autêntica dissecação e adaptação (Stead 2003, p. 21), e ao longo dos séculos uma evolução complexa com a introdução de outros elementos (Stead 2003, p. 21-32).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A segunda Idade do Ferro em Trás-os-Montes Ocidental apresenta mecanismos de coesão e diferenciação, dentro de um grupo e entre grupos distintos: o povoado com seus sistemas defensivos, e a ourivesaria com uma tipologia muito própria de colar – *torques*.

O conjunto de peças analisado apresenta uma cronologia uniforme compreendida entre 500 e meados do séc. II a.C., não existindo até ao momento exemplares do final da Segunda Idade do Ferro.

Torques e braceletes são os adornos de distinção de um grupo de elite, guerreiros ou chefes, pelos seus atributos ou estatuto, apesar de no período de tempo referido a sociedade ser tendencialmente igualitária, com uma dinâmica conflituosa de que a ourivesaria será um dos reflexos (Sastre Prats 2006). Estas jóias são frequentemente associadas às estátuas de guerreiros, comuns no Norte de Portugal, sendo contudo a sua cronologia posterior, designadamente a partir de meados do séc. II a.C., articuladas com povoados centrais, e conseqüente complexidade e hierarquização da sociedade.

A partir do estudo realizado, pode-se concluir que existem influências de outros povos e culturas, algumas das quais características das expressões artísticas de Hallstatt e La Tène. Contudo, essas influências quer ao nível da tecnologia, quer ao nível da decoração, podem ter origens mais remotas em relação a datações e espaço geográfico.

Em Trás-os-Montes Ocidental, os artífices assimilam essas influências, imprimindo-lhes um cunho muito próprio.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1992) – A evolução da cultura castreja. *Conímbriga*. Coimbra: IAFLUC. vol. 31. 39-71.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2001a) – Los celtas en la Península Ibérica. In Almagro-Gorbea, M.; Mariné, M.; Álvarez Sanchís, J. R., *Celtas y Vettones*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila. p. 95-113.
- ____ (2001b) – El arte celta en la Península Ibérica. In Almagro-Gorbea, M.; Mariné, M.; Álvarez Sanchís, J. R., *Celtas y Vettones*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila. p. 159-169.
- ____ (2009) – Los “guerreros lusitano-galaicos” y su significado sócio-ideológico. In *Actas do colóquio Internacional Guerreiros Castrejos*. Boticas: Câmara Municipal de Boticas. p. 9-34.

- BERROCAL-RANGEL, L.; MORET, P. (2007) – Las fortificaciones protohistóricas de la hispânia céltica. Cuestiones a debate. In BERROCAL-RANGEL, L. e MORET, P. (eds.), *Paisajes fortificados de la edad del hierro*. Madrid: Casa de Velázquez. p. 15-33.
- CARDOZO, M. (1967) – Elementos bibliográficos para o estudo da joalheria arcaica luso-espanhola. *Revista de Guimarães*. Guimarães: SMS. 67. Separata.
- CARVALHO, C. (2009) – Falcata de Frades (Montalegre). In *Catálogo da Exposição Internacional Manifestações Artísticas da II Idade do Ferro. Séc. V/IV a.C. ao séc. I*. Boticas: Câmara Municipal de Boticas. p. 18.
- CASTRO PÉREZ, L. (1987) – L'art des torques orientaux. *Archeologia (Préhistoire et Archéologie)*. France. 222. 58-66.
- ____ (1990) – *Os torques préhistóricos*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- DELIBES de CASTRO, G. (2001) – La orfebrería. In Almagro-Gorbea, M.; Mariné, M.; Álvarez Sanchís, J. R., *Celtas y Vettones*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila. p. 149-157.
- FONTE, J.; LEMOS, F. S.; CRUZ, G.; CARVALHO, C. (2008) – Segunda idade do ferro em Trás-os-Montes Ocidental. *Férvedes*. Vilalba: Museo de Prehistoria e Arqueología de Vilalba. 5. 309-317.
- GABALDÓN MARTÍNEZ, M.^a del M. (2004) – *Ritos de armas en la edad del Hierro. Armamento y lugares de culto en el antiguo mediterráneo y el mundo celta*. Madrid: CSIC.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. (2004) – Artistic expression and material culture in celtic Gallaecia. *E-Keltoi*. 6. 113-166.
- HACKENS, T.; WINKES, R. (ed.) (1983) – *Gold Jewelry, craft, style and meaning from Mycenae to Constantinopolis*. Aurifex 5. Louvain-La-Neuve: Université Catholique du Louvain, Institut Supérieur d'archéologie et d'histoire de l'art.
- LEMOS, F. S. (1996) – Povoamento, espaço e *gentilitates* no 1.º milénio a.C. no Nordeste transmontano. In ALARCÃO, J., *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 147-153.
- ____ (2009) – A cultura castreja no Minho. In *Minho Traços de Identidade*. Braga: Universidade do Minho. p. 122-213.
- LEMOS, F. S.; CRUZ, G. (2008) – Muralhas e guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal. In *Actas do III Congresso de Arqueologia Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Freixo de Numão: ACDRFN. p. 8-28.
- MARQUES, J. A. M. (2009) – Guerra, guerreiros e sociedades – uma visão antropológica. In *Actas do colóquio Internacional Guerreiros Castrejos*. Boticas: Câmara Municipal de Boticas. p. 37-41.
- MARTINS, C. M. B. (2008) – *As influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal*. Ediciones EDAR: Barcelona. Colección eBooks EDAR.
- MARTINS, M. (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cavado*. Cadernos de Arqueologia/Monografia 5. Braga: Universidade do Minho.
- ____ (1996) – Povoamento e habitat no Noroeste Português durante o 1.º milénio a.C.. In ALARCÃO, J., *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 118-133.
- MARTINS, M.; LEMOS, F. S.; PÉREZ LOSADA, F. (2005) – O povoamento romano no território dos galaicos bracarenenses. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; GARCÍA DÍAZ, P. (ed. cient.), *Unidad y diversidad en el Arco Atlántico en época romana*. Gijón: BAR International Series 1371. p. 279-296.
- MEGAW, R.; MEGAW, V. (2001) – *Celtic Art*. London: Thames & Hudson.
- NICOLINI, G. (1990) – *Techniques des ors antiques, la bijouterie Ibérique du VII au IV siècle*. France: Picard.
- PEREA CAVEDA, A. (2003) – Los torques castreños en perspectiva. *Brigantium*. A Coruña. 14. 139-149.
- POWELL, T. G. E. (1974) – *Os celtas*. Lisboa: Editorial Verbo.
- REDENTOR, A. (2009) – Sobre o significado dos guerreiros lusitano-galaicos: o contributo da epigrafia. *Palaeohispanica*. 9. 197-216.

- RUIZ ZAPATERO, G. (2001) – Quiénes eram los celtas? Disipando la niebla: Mitología de un collage histórico. In Almagro-Gorbea, M.; Mariné, M.; Álvarez Sanchís, J. R., *Celtas y Vettones*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila. p. 73-91.
- SASTRE PRATS, I. (2006) – *La estructura social del NW peninsular prerromano: orfebrería castreña, oro y estructura social*. Carpetano-Vettonico. (Internet).
- ____ (2008) – Community, Identity, and Conflict. *Current Anthropology*. 49: 6. 1021-1051.
- SILVA, A. C. F. (1981-82) – Novos dados sobre a organização social castreja. Portugalia. Porto: FLUP. 3-4. 83-100.
- ____ (1990) – Proto-história do Norte e Centro de Portugal. In SILVA, A. F. C. e GOMES, M. V., *Proto-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta. p. 30-97.
- ____ (1995) – A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a.C. *Revista da Faculdade de Letras – História*. 2.ª série. Porto. n.º 12 (1995). 505-528.
- ____ (2001) – Los pueblos lusitano-galaicos. In Almagro-Gorbea, M.; Mariné, M.; Álvarez Sanchís, J. R., *Celtas y Vettones*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila. p. 335-349.
- ____ (2007a) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2.ª edição. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- ____ (2007b) – A evolução do sistema defensivo castrejo no Noroeste Peninsular. In BERROCAL-RANGEL, L. e MORET, P. (eds.), *Paisajes fortificados de la edad del hierro*. Madrid: Casa de Velázquez. p. 99-111.
- STEAD, I. (2003) – *Celtic Art*. London: British Museum Press.
- VILAÇA, R. (1992) – Comentário: A evolução da cultura castreja. *Conímbriga*. n.º 31. 73-83.

Os desenhos apresentados encontram-se publicados em MARTINS 2008.

